



# Crônica da Cidade

CONCEIÇÃO FREITAS // conceicao.freitas@correioweb.com.br (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

## À PROCURA DE GALDINOS

Nesses dias em que a memória do índio Galdino voltou a sobrevoar o país, saí à procura de outros Galdinos na cidade que o matou. Sou da turma romântica e ingênua que idealiza a imagem do bom selvagem, do humano imaculado e despossuído de maldade, que vive em intenso namoro com a natureza, de tal modo que sente no corpo as dores dela. Explica-se, portanto, porque toda vez que encontro um índio tenho vontade de roubar-lhe a alma — ou pedi-la emprestado, porque roubar é crime e pecado. Fico querendo saber como é ser um humano não-civilizado — admitindo-se que mesmo os índios aculturados guar-

dam no mais fundo de si a herança de um tempo idílico.

Na lojinha da Funai, na 902 Sul, há uma fotografia imensa, quase do tamanho de um outdoor, que me infla de nostalgia de ser a índia que eu não fui. Cinco yanomamis atravessam um igarapé, um atrás do outro. Estão nus e levam às costas cestos bem grandes, com alças apoiadas na cabeça. Quase não há luz do sol. Estão cercados pela floresta amazônica, fechada, ameaçadora, selvagem — e eles seguem para dentro dela.

É uma imagem cada vez mais rara, porque, sabemos todos, o destino dos índios está decidido desde 21 de abril de 1500. Dos 80 milhões de índios que viviam em território latino-americano antes da chegada dos exploradores europeus, 70 milhões (70 milhões!) foram

dizimados pela selvageria do homem branco dito civilizado. Quem me dá a informação é o Cimi, o braço missionário indigenista da Igreja Católica. Foi o maior genocídio da história da humanidade (6 milhões de judeus foram mortos durante a Segunda Guerra). Em terras brasileiras, havia 6 milhões de índios. Hoje, contam-se 734 mil.

Sabedores de que suas vidas continuam nas mãos dos mesmos brancos que os aniquilaram (que destino, meu Deus!), eles procuram a ajuda da civilização urbana e poderosa. Vêm pra capital às levadas — alguns poucos, para resolver demandas fundiárias da aldeia. A maioria, indigentes em busca de um quinhão de sobrevivência. Todos os dias, o abrigo a eles destinado em Sobradinho aloja entre 200 e 250

homens, mulheres e crianças, sem contar os que perambulam pelas pensões da W-3 Sul.

Ontem à tarde, uma índia de não mais de 30 anos, franzina e muito pálida, punha sua indiazinha de 3 anos para dormir dentro de um carrinho de supermercado na calçada da sede da Funai. Ela vende artesanato indígena, a maioria bijuterias feitas na medida certa para o gosto dos brancos. Um outro, de longas tranças entremeadas de fios de sisal, dá uma bronca num parceiro: "Pra quem você entregou o processo? Abaixo do presidente não tem autoridade que manda mais do que ele, não".

Dei com os burros n'água. Encontrei índios embranquecidos pela miséria, atirados à calçada da 902 Sul esperando que um presidente melhore seu

destino. Fui então ao Memorial dos Povos Indígenas, em frente ao Memorial JK. Lá, quem sabe, eu encontraria a alma genuinamente índia. Estava fechado durante sete dias, até ontem, para que uma exposição fosse montada (Juro, é a primeira vez que vejo um museu ter que fechar para montar exposição).

Mas reencontrei a poética genialidade de Niemeyer no prédio circular, como se fosse um corredor bem largo e curvado até formar uma circunferência. Ao centro, um pátio coberto de areia, coberto por uma língua de concreto que termina em pleno ar, solta como uma pluma. Essa laje dá ao pátio o efeito de uma concha acústica. Niemeyer, nitidamente, se inspirou em aldeias indígenas, de onde os Galdinos têm sido expulsos por quem lhes roubou o paraíso.

DOCUMENTAÇÃO

Origem: CB (Cidade)

Data: 14/10/2003 Pg. 2/3

Class: GINR 0165